

Desinformação como Estratégia de Poder: narrativas, disputa simbólica e polarização nas redes¹

Carla Montuori Fernandes²
Universidade Paulista – UNIP

Resumo

O projeto propõe discutir a desinformação como uma estratégia de conquista e manutenção do poder, com foco no cenário político brasileiro recente. Parte-se da concepção de poder em Arendt (1985), que o define como uma construção coletiva, fundamentada no apoio da maioria, enquanto a violência se sustenta por instrumentos coercitivos. Para a autora, a forma extrema do poder é "todos contra um", enquanto a violência extrema é "um contra todos". Nesse contexto, a desinformação opera como uma ferramenta para enfraquecer adversários, desacreditar instituições e criar realidades alternativas favoráveis aos interesses de determinados grupos políticos. O estudo analisa como essa prática tem sido central para o fortalecimento da extrema-direita, especialmente a partir da liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Palavra-chave: comunicação política; desinformação; redes sociais, bolsonarismo.

A desinformação, mais do que uma mera circulação de conteúdos falsos, deve ser compreendida como uma estratégia de poder articulada para desestabilizar instituições democráticas, manipular afetos e mobilizar emoções coletivas. No contexto brasileiro, o bolsonarismo configura-se como um exemplo paradigmático dessa lógica, operando uma disputa permanente pelo campo simbólico (BOURDIEU, 1989), na qual a verdade factual (ARENDR, 2001) é constantemente tensionada por narrativas construídas para produzir descrédito, medo e polarização.

A emergência desse fenômeno está ancorada em processos históricos que remontam à crise da democracia representativa no Brasil, intensificada desde as manifestações de 2013, passando pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e pela ascensão de Jair Bolsonaro ao poder em 2018. Em sua trajetória política, o ex-presidente consolidou uma retórica antissistema, com forte apelo conservador e moralista, pautada pela construção de um inimigo comum, fosse ele o Partido dos Trabalhadores, o comunismo ou as instituições democráticas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências Sociais, docente titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). O texto é resultante da pesquisa "A desinformação como estratégia de poder e mobilização virtual", processo nº 2024/04203-8, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: carla.montuori@docente.unip.br.

O ambiente digital, com sua lógica algorítmica e suas dinâmicas de câmaras de eco e bolhas informacionais (SANTAELLA, 2019; WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), potencializou a circulação de desinformação. As redes bolsonaristas mobilizam estratégias discursivas que se sustentam na produção de *fake news* e na exploração de afetos como medo e ódio (DA EMPOLI, 2020; BARROS, 2016). Esses discursos de ódio e intolerância são acionados de forma planejada para reforçar a identificação entre os seguidores e o líder, criando uma realidade paralela capaz de desacreditar a imprensa, o Judiciário e o governo Lula.

A desinformação, assim, torna-se um dispositivo de poder (FOUCAULT, 1979), operando como ferramenta de mobilização política e de enfrentamento às instituições democráticas. O bolsonarismo recorre a um *modus operandi* já visível desde as eleições de 2018, ampliado no pós-derrota de 2022, ao promover teorias conspiratórias e narrativas de fraude eleitoral. Autores como Cesarino (2022) e Avritzer *et al.* (2021) destacam o papel das redes digitais como locus privilegiado dessa disputa, em que a desordem informativa é parte central da estratégia bolsonarista de permanência no cenário político.

O debate aqui proposto busca refletir sobre os mecanismos discursivos que sustentam essa estratégia de poder, analisando como a desinformação, ao se articular com o antipetismo, o anticomunismo e a defesa de pautas morais conservadoras, opera como força de mobilização e resistência da extrema-direita no Brasil contemporâneo. Sob essa perspectiva, compreender a desinformação como prática de poder simbólico e discursivo é fundamental para pensar formas de enfrentamento à erosão democrática e à manipulação da esfera pública.

Referências

- ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Org.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. São Paulo: Autêntica, 2021.
- BARROS, D. L. P. de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, p. 7-24, 2016.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DA EMPOLI, G. da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report, 2017.